

# RÉQUIEM PARA UMA ARQUITETURA Abandonos, sonhos e demolições

*REQUIEM FOR AN ARCHITECTURE  
Abandonments, dreams and demolitions*

**Ana Paula Vieceli<sup>1</sup>**

## Resumo

Este ensaio, composto em três momentos, trata de uma composição fúnebre para um objeto arquitetônico que deixou de existir na paisagem da cidade. Em sua memória e, como tentativa de processar a sua perda, mais do que um registro da existência do objeto arquitetônico, o ensaio busca contar a história de amor e imaginação envolvida em um exercício de projeto de reativação de um lugar do abandono no centro de São Leopoldo-RS. Pela ocasião da demolição do objeto, busca refletir sobre a sensibilidade na relação com objetos construtivos e os espaços da cidade, considerando o tempo do luto que prepara o sonhador de espaços para outras imaginações.

Palavras-chave: lugares do abandono, intervenção em pre-existência, demolição.

## Abstract

*This essay, composed in three moments, is about a funeral composition for an architectural object that ceased to exist in the city's landscape. In its memory and, as an attempt to process his loss, more than a record of the existence of the architectural object, the essay seeks to tell the story of love and imagination involved in an exercise of project of reactivation of a place of abandonment in São Leopoldo-RS. On the occasion of the demolition of the object, it is sought to reflect on sensitiveness in the relationship with constructive objects and the spaces of the city, considering the time of mourning that prepares the dreamer of spaces for other imaginations.*

*Keywords: abandoned places, intervention in pre-existence, demolition.*

## Introdução

*Requiem aeternam dona eis, Domine<sup>2</sup>.* Estas são as palavras que iniciam as missas em latim dedicadas ao descanso da alma de um falecido. Neste ensaio, escrito pelo motivo de uma despedida, o réquiem adota o sentido de um canto de adeus para um corpo arquitetônico que deixou de existir na cidade.

Não se trata de um objeto qualquer, pelo contrário. Por atribuir a este inanimado a condição de falecido, significa que, para mim, ele foi sujeito, com o qual estabeleci laços de amizade. Trata-se do conjunto fabril abandonado, localizado na zona central A cidade de São Leopoldo-RS, com o qual tive uma relação muito próxima, em 2010, quando este foi adotado como objeto de estudo e pré-existência do projeto de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo. Este exercício buscou agenciar o abandono em arquitetura com outro abandono, o da saúde mental, que, outrora aprisionada em estruturas manicomiais, mantinha-se reclusa em espaços distantes da efervescência urbana.

A proposta da luta antimanicomial de estabelecer uma nova relação com a loucura, é atendida no projeto e sobreposta a uma nova relação com o próprio espaço. No encontro desses dois temas, aparentemente distantes e heterogêneos, uma proposta emerge com o espírito da *reativação*. O espaço, então abandonado, que antes era destinado à produção de artefatos, segue sua vocação fabril, mas, reativado, passa a produzir outra coisa, de valor imaterial, que na época chamei de *subjetividades*. No exercício, a fábrica abandonada, relocada na nova função de um Centro de Atenção Psicossocial, se apresenta como um lugar que produz saúde, que se destina aos usuários de saúde mental, mas também se coloca aberto e funcionando com a comunidade em geral, mediado pela cultura e pela arte.

Uma década mais tarde, recebi, com pesar, a notícia da demolição daquele conjunto abandonado. E por muito tempo, não sabia ao certo como processar essa perda que acabou se somando à outras perdas em níveis pessoais, nacionais, mundiais naquele ano pandêmico de 2020.

Compor um réquiem para um falecido amigo arquitetônico, ainda que tardiamente, se coloca como uma tentativa de, diante da perda, ressignificar os restos, juntar os fragmentos, rememorar as imagens e celebrar as ideias que um dia tiveram lugar diante da materialidade daquela arquitetura que, para o senso comum, não possui valor e é facilmente atribuída como descartável.

Apresento esse ensaio narrativo em três momentos: *o lugar que dorme (1945-2018)* apresenta as edificações fabris pré-existentes, numa tentativa de reunir informações e pistas sobre a trajetória temporal desse lugar na paisagem da cidade, colocando as questões do abandono provocado pelos processos de desindustrialização dos centros urbanos e da relação afetiva com as subsequentes ruínas contemporâneas; *o sonho do lugar (2010)* apresenta o processo de criação e imaginação do projeto final de graduação em arquitetura como proposta de intervenção, reativação, reciclagem e reuso desta pré-existência; e, por fim, *o lugar que morre (2018)* apresenta o momento da demolição, o choque da ausência e sobretudo da constatação ironica de seu destino: a demolição seguida de estacionamento privado da Unimed<sup>3</sup>.

<sup>1</sup>Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2010). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Teoria, História e Crítica de Arquitetura, atuando principalmente nos temas: arquitetura e cidade. Mestre pelo PROPAR/ UFRGS, com a dissertação: Lugares da loucura: arquitetura e cidade no encontro com a diferença. Doutora pelo PROPAR/UFRGS, com a tese: Arcanos Urbanos: o jogo dos errantes. Professora no Curso de Arquitetura e Urbanismo da FSG - Faculdade da Serra Gaúcha em 2014-2015. Professora Substituta na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel - Universidade Federal de Pelotas, em 2020.

<sup>2</sup> Senhor, concede-lhes o eterno descanso.

<sup>3</sup> A Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (Unimed) é um sistema de cooperativas médicas brasileiro que atua como operador de planos de saúde.



O ensaio fúnebre se coloca como uma maneira de processar o luto, registrar nos livros acadêmicos a precária biografia desse lugar, revelar o sonho que se sonhou enquanto ele dormia na paisagem, dar forma crítica ao exercício imaginativo de reativação de objetos abandonados na cidade, e dar, também espaço ao sentimento de pesar, de onde se manifesta uma saudade.

No entanto, há uma intenção clara de não deixar um réquiem ser o símbolo da nostalgia que recai em humores melancólicos. O ensaio se encaminha para uma provocação dos modos de se relacionar com a materialidade existente na cidade. Pretendi colocar a questão da sensibilidade com objetos construtivos na malha urbana, a preocupação com a função social da arquitetura. Mas, como não se trata de um réquiem para um sonho, a demolição que marca essa escrita não representa o fim do sonhar, pelo contrário, ela se coloca como um convite a sonhar mais, reatualizando a imaginação deste lote agora vacante.

### O lugar que dorme: a fábrica abandonada

Leopoldo-RS. O ano: 2010. Uma aglomeração de massa falida, uma arquitetura de retalhos construtivos provindos de diversos pontos numa linha do tempo não tão clara e pouco documentada, apresentou-se para mim. Era um enigma. Um objeto abandonado, decadente, corroído no coração da cidade que me chamava à atenção. O que já tinha sido um corpo fabril – de manufatura de vidros, de calçados e de pregos – estava então em coma, morrendo lentamente na malha urbana.

O que se passou com esse objeto não foi algo especial nem isolado. Pelo contrário. Ele teve o destino comum a muitos dos complexos fabris localizados em áreas centrais das cidades de economia industrial: o abandono. A desindustrialização e a reestruturação econômica das cidades atingiram em cheio o coração de complexos fabris. Segundo



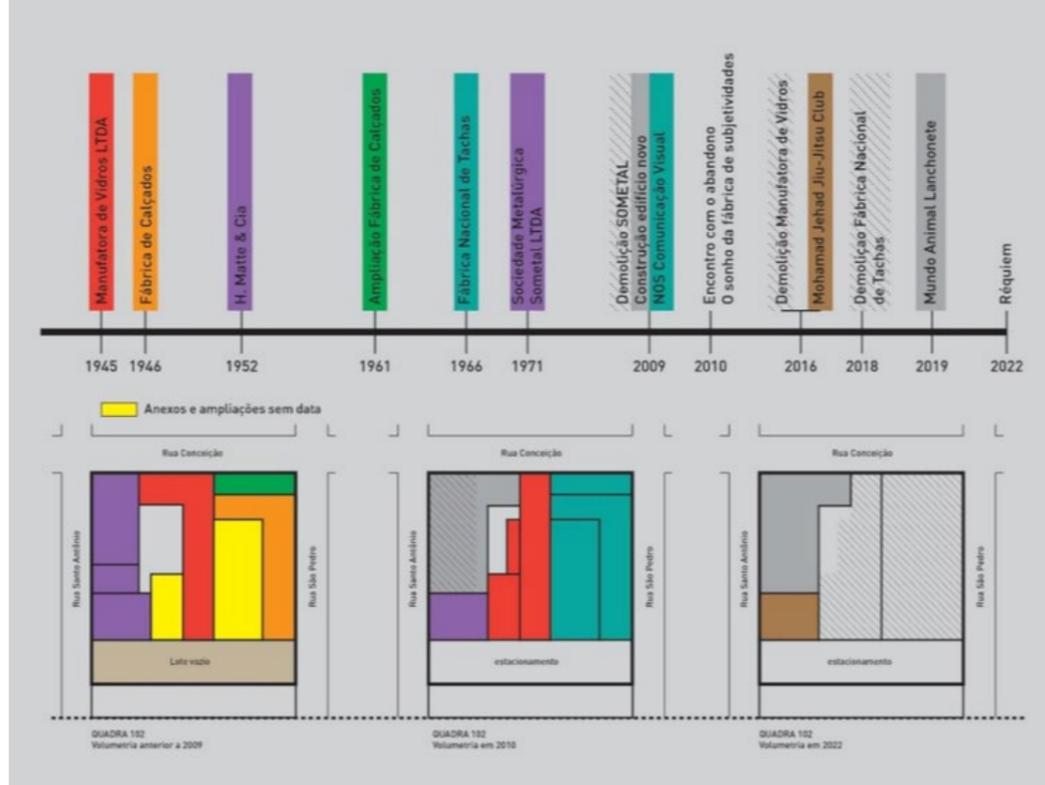
Costa (2001), a gênese desse fenômeno, entre outros fatores, se relaciona com a obsolescência das instalações de antigas fábricas diante dos novos padrões tecnológicos de produção; com o encerramento de atividades fabris tradicionais, decorrente de mudanças no perfil empreendedor; com o crescimento urbano e com as dificuldades de circulação de mercadorias e, ainda, com a exiguidade e o alto custo financeiro de terras nas adjacências dos complexos industriais que, impossibilitando a ampliação dos seus pátios de produção, forçaram a busca por terras mais amplas e baratas na periferia das cidades. Assim, hoje, muitos exemplares desses complexos fabris jazem na paisagem urbana enquanto ruínas. “Uma ruína, um resto arruinado, não aquela ruína histórica, mas uma ruína fruto da supressão da própria história. Uma superfície arenosa e abandonada, transformada em deserto em meio à vida cotidiana das cidades” (ROCHA, 2010, p. 48). As ruínas contemporâneas são os escombros causados pelas vicissitudes do nosso atual modelo econômico, e, restam como vestígios deixados pela aceleração do tempo na cidade pós-moderna, diferenciando-se das ruínas históricas pela fragilidade contextual e afetiva. Sem memória e identidade, são apenas destroços desfalecidos pelo tempo.

Para descobrir a biografia deste lugar, foram feitas diversas consultas nos arquivos públicos da cidade, no museu histórico e nos documentos disponibilizados pela prefeitura municipal. Tudo o que pude descobrir foi através de uma documentação escassa e fragmentada (Figura 2). Um exercício detetivesco foi necessário para identificar *quem era quem* naquele emaranhado arquitetônico, bem como a ordem cronológica das construções.

Reunindo todas as informações e dados recolhidos nos órgãos públicos do município, consegui traçar uma frágil linha do tempo (Figura 3): a história da quadra 102, na zona central da cidade, apesar de já constar em traçados de mapas desta colônia alemã em 1824, inicia a deixar rastros documentais e construtivos na década de 1940. É um momento em que coincide com a modernização do setor industrial no estado do Rio Grande do Sul, estimulada pelo fluxo de investimento estrangeiro e aos investimentos

Figura 2 – Arqueologia documental, identificação do objeto abandonado. Fonte: Autora, 2010.

Figura 3 – Linha do tempo com base nos vestígios e documentos.  
Fonte: Autora, 2022.



governamentais, tendo a Segunda Guerra Mundial como pano de fundo (COSTA, 2001). De modo que, naquele ponto da cidade, começaram a se instalar pequenas fábricas como a *Manufatura de Vidros LTDA*, em 1945 e a *Fábrica de Calçados de Gerônimo S. Ramos*, em 1946. Em 1952 estava instalada a firma *H. Matte & Cia*, porém nada consegui descobrir sobre a natureza do que produzia. Descobri que em 1961 a pequena fábrica de calçados ampliou as edificações dentro do seu lote e adicionou o edifício que conforma a fachada principal (Figura 1). Mas em 1966 essa propriedade passa para as mãos de *Santos Mayer Cia LTDA* e se transforma na *Fábrica Nacional de Tachas*, chamada, carinhosamente, pelos mais antigos moradores de São Léo, como a fábrica de pregos. Em 1971, a firma *H. Matte & Cia* dá lugar à *Sociedade Metalúrgica Sometal LTDA*, que fabricava artigos de serralheria. Esta, soube que foi demolida em 2009, dando lugar a um novo edifício.

Em 2010, nenhuma dessas fábricas estavam ativas. No entanto, ainda estavam de pé, silenciosos, em meio a agitação dos hábitos urbanos, alguns dos pavilhões desse pequeno aglomerado fabril. Localizados na rua Conceição, 1076 e 1094, as estruturas estavam em condições de abandono, mas não estavam vazias de fato. Sublocadas como depósito, lava carros, estacionamento e, também, como sede de uma empresa chamada *NOS Comunicação Visual*, que produzia dentro daquelas ruínas contemporâneas, fachadas, painéis, luminosos, para outros objetos arquitetônicos da cidade (Figura 4).

As edificações que se mantinham na quadra, conformavam uma colcha de retalhos arquitetônica e temporal, devido às modificações e ampliações que se sucederam ao longo dos anos. Como não existiam plantas atualizadas, precisei desenhá-las eu mesma. E assim começou um exaustivo, porém prazeroso, processo de medição e conferência daquele espaço todo, com seus enjambres, puxados, fragmentos e cacos construtivos. Interessado no edifício pela sua memória de infância, meu companheiro na época também esteve junto nesse processo. Foi uma devassa bonita a extração dos números, das medidas dos espaços e dos elementos construtivos. Era evidente, no espaço, a fragmentação temporal e eu continuava a tentar responder onde era original, onde era modificação. Tudo parecia ser enjambre. Estava diante de um espaço Frankenstein. Uma mistura de terror gótico com parque de diversões, “uma sedutora mistura de liberdade e perigo” (LYNCH, 2005, p. 36) que remete às experiências da



infância e convida a descobrir coisas secretas abrindo caminho para a fantasia. Nessa relação tão próxima entre o meu corpo e o corpo arquitetônico, uma sensação de intimidade começou a se formar. Na tentativa de desvendar o espaço enigmático, uma espécie de amizade espacial brotou nas ruínas. Na medida em que comecei a habitá-las elas também vieram habitar em mim.

O seu conjunto heterogêneo, se não apresentava valor estilístico arquitetônico, revelava um valor espacial, devida sua natureza fabril desativada. O interior dessas edificações escondia espaços cativantes dentro da sua lógica caótica (Figura 5). Ao entrar na arquitetura abandonada encontrei um amplo espaço pavilhonar cheio de entulho, sujeira, iluminado por uma luz – diáfana, divina – que chegava cima fazendo reluzir, através de claraboias, telhas translúcidas e *sheds*, as partículas dispersas de poeira que vinham pousar, dia após dia, sobre ferramentas, objetos, destroços, entulhos, partes de paredes de tijolos, sequências contínuas de tesouras de madeira. A poderosa sensação tornava o pavilhão arruinado em um espaço quase eclesial. A impressão do som que reverberava naquele espaço, o eco, a profundidade 3d que o ouvido capta da vibração no vazio ainda é remanescente na minha memória. Ele tinha uma escala incomum. Era um lugar amplo. E estranho. O tempo que aquele interior espacial abria forçava um estado de contemplação e ali, me lembro, devaneei por horas.

Considerei que este conjunto de edifícios apresentava um valor fenomenológico, que remete às percepções, aos sentidos. Sua maior riqueza, para mim, estava na descoberta da experiência espacial, da temporalidade do espaço, da presença do corpo no espaço. Huyssen (2004) explica que, no encontro com a ruína arquitetônica, catalisam-se tanto o desejo quanto a nostalgia, e creio ser desta matéria, desejante e nostálgica, que um projeto final de graduação extraiu sua poética. Se, por um lado, “essa obsessão contemporânea pelas ruínas esconde a saudade de uma era anterior” (2004, p. 91), por outro lado, a estranha atração pelo não vivido, pelo estranho desconhecido, por uma arquitetura profundamente outra, despertava um tipo particular de nostalgia criativa, que possui o poder de imaginar um futuro a partir da materialidade e das questões encontradas no presente que mobilizam um fazer e um pensar.

Figura 4 – Vistas do objeto a partir das ruas Conceição e São Pedro. Fonte: Autora, 2010.



No presente de então, as edificações abandonadas da quadra 102 conservavam muitas paredes de alvenaria portante e cobertura em duas águas com tesouras de madeira e telhas cerâmicas originais. Em alguns pontos a cobertura adaptou telhas metálicas, como por exemplo, no centro da quadra, onde uma cobertura precária em *shed* se desenvolveu como ampliação. De acordo com o que observei nas plantas registradas na época, paredes originais foram demolidas, e outros elementos como escoras, novas coberturas, elementos de apoio, entre outros foram impiedosamente adicionados por toda a parte. Na divisa sul, os fundos das diversas edificações formavam uma fachada contínua de silhuetas espontâneas desses vários retalhos arquitetônicos. Esse resultado de somas gerou uma interessante perspectiva, visível apenas pelo fato de o lote vizinho ser um vazio, utilizado, então, como estacionamento privado. Sobre a história desse lote, nada consegui descobrir.

Ainda que tenha perdido sua funcionalidade e sua integridade, este objeto sonolento na paisagem continuava a oferecer uma carga que podemos chamar, junto com Spirito (2012), de poética: mesmo em coma, ele continuava a despertar emoções e enviar blocos de sensações, ainda que diferentes daquelas para as quais o objeto foi designado originalmente. O entusiasmo por este espaço vago, impreciso e expectante, resultou em um exercício de projeto como uma resposta para a “estranheza ante o mundo, ante nossa cidade, ante nós mesmos” (SOLÀ-MORALES, 2002, p. 130). Esta resposta, existencial e acadêmica, fundamentou um projeto contemporâneo com uma proposta imaginativa “pela qual se tenta não só reconhecer as estruturas do material histórico existente, mas também utilizá-las como uma pauta analógica de um novo artefato edificado” (SOLÀ-MORALES, 2006, p. 33). Assim, defendi o espaço abandonado, em concordância à Lynch (2005) e Solà-Morales (2002; 2006), como um território que possibilita uma nova experiência urbana a partir da reapropriação, da recuperação, da reciclagem e do reuso. Nesse sentido, o exercício também investe numa pós-produção tal como a compreende Bourriaud (2009), uma prática que recorre a obras já produzidas para inseri-las numa rede de novos signos e significações ao invés de buscar criar um forma autônoma ou original, com um fim em si mesma.

O trabalho passou a refletir, então, sobre a vocação urbana da pré-existência, e considerou que, embora seu uso estivesse desativado, ainda pulsava, de forma latente, uma vontade fabril de existência, onde o próprio espaço resistia e aguardava por um novo uso, que pudesse fazer ressurgir o movimento de produção, talvez não mais de pregos, vidros, ou calçados, mas de alguma outra coisa com a sua força espacial em potência. Propus jogar com a pré-existência para imaginar um futuro, e, tal como sugere Spirito (2012), “redescobrir a natureza poética da arquitetura”. Em outras palavras, sonhar.

#### O sonho do lugar: a fábrica de subjetividades<sup>4</sup>

A paixão envolvida nesse conjunto em coma, o investimento libidinal no objeto da pré-existência urbana, a fábrica abandonada, a ruína, a massa falida, uniu-se a um outro amor que veio antes desse em minha vida: o tema da loucura e da saúde mental. No final da primeira década do século XXI, através dos estudos da minha irmã, então estudante de psicologia na mesma universidade, tomei conhecimento do Movimento Antimanicomial que resultou na Reforma Psiquiátrica brasileira. Esse movimento foi constituído a partir do final dos anos 70, propondo a desconstrução dos manicômios

<sup>4</sup> A *Fábrica de Subjetividades* trata de um exercício de projeto arquitetônico para um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) localizado na cidade de São Leopoldo-RS. Foi apresentado na ocasião do Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, no segundo semestre de 2010, orientado pela Prof. Dra. Ana Elísia da Costa.

e das formas de tratamento utilizados pela psiquiatria tradicional. Trata-se de um movimento ético, social e político que, visando à produção de outras formas de cuidado e tratamento da loucura, propôs a criação de outros espaços para uma produção de subjetividade. Dentre os principais equipamentos propostos pela Reforma Psiquiátrica está o CAPS – Centro de Atenção Psicossocial<sup>5</sup>.

A recomendação da então recente Cartilha da Saúde Mental era que todos os CAPS fossem implantados em casas. Casas. Compreende-se: não se desejava mais a escala do manicômio. O CAPS Capilé de São Leopoldo, em 2010, era quase um andarilho na cidade. Tinha vagado de aluguel em aluguel, procurando uma casa ideal para implantar o serviço. De modo geral, as casas escolhidas mostraram-se geralmente como espacialidades insuficientes. Eram pequenas demais para o serviço. Soube disso pois estive no CAPS Capilé por uma tarde acompanhada da minha irmã, que fazia ali seu estágio curricular. Havia uma carência funcional na disposição das coisas e pessoas no espaço. Constatei apenas o que todos já haviam constatado no serviço: as casas em que estiveram, na região central de São Leopoldo apresentavam uma espacialidade insuficiente para as demandas do serviço.

Então, no desfecho da minha formação, meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ia acolher o desafio desse tema, propondo um ensaio projetual visando *dar lugar* ao nômade CAPS na cidade. Na minha visão estudantil, faltava encontrar um terreno e, para não repetir um modelo de exclusão, em primeiro lugar, ele precisava ser inserido em meio a uma centralidade, proporcionando um reencontro da loucura com a dinâmica urbana, o contato com a família, com a sociedade e com outros equipamentos culturais, sociais e de lazer.

Diante disso, se por um lado havia o CAPS que, com a demanda da Reforma Psiquiátrica, buscava um lugar na cidade para ser inserido e para que a loucura pudesse experienciar o encontro com a realidade além dos muros, no seio da efervescência urbana, de outro lado tínhamos esse quadro de uma arquitetura abandonada, um lugar de não-acontecimentos situado bem na zona central de São Leopoldo. Optei por não buscar um terreno vazio na cidade, e defini assim, a escolha das antigas fábricas, situadas nesse raio de centralidade urbana e de proximidade com os eixos de transporte público, para acolher o projeto do novo equipamento de saúde mental da cidade como exercício acadêmico. Apostei na reativação daquele conjunto arquitetônico, tendo em mente a função social de toda obra arquitetônica construída nas cidades e ensaiar a possibilidade de reutilizar os recursos materiais existentes. Considerei manter suas características e contrastá-las com uma intervenção arquitetônica capaz de traduzir materialmente o encontro entre o conjunto fabril adormecido e o lugar antimanicomial da loucura.

Esta sobreposição de duas naturezas diferentes, sua aliança inesperada, abre o espaço para a multiplicidade de suas dimensões e sentidos. Me apropriei, não sem certa ingenuidade e imaturidade, do conceito de *Corpo sem Órgãos* de Deleuze e Guattari (2008), para pensar esse corpo que se liberta de suas funções prévias, que provoca e tensiona a subjetividade, um corpo arquitetônico que vai além da materialidade, onde o que verdadeiramente importa é a sua capacidade de produzir ou sustentar intensidades

<sup>5</sup> Como equipamento de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS), o CAPS é hoje um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, realizando acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao lazer, ao exercício dos direitos civis, ao trabalho e o fortalecimento dos laços familiares e comunitários. Esse equipamento se tornou o principal articulador da rede de saúde mental, é onde se propõe colocar a (doença) entre parênteses para dar lugar ao sujeito em relação com seu contexto, buscando novas formas de acolhimento e tratamento para a loucura.



Figura 6 – A fábrica de subjetividades, maquete eletrônica e diretrizes. Fonte: Autora, 2010.

e devires. Apostei com Deleuze (2002, p. 25) que “quando um corpo ‘encontra’ outro corpo, uma ideia, outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente”. Eu estava alegre e interessada nos perceptos e afetos produzidos na relação com o lugar do abandono, mas também no que a arquitetura enquanto objeto artístico pode fazer, já que, como Guattari (2012) ensina, a arquitetura é um agente parcial de subjetividade.

Lembro que narrei à orientadora Ana Elísia Costa (2001) minhas impressões ao conhecer as antigas fábricas. Como estudiosa das arquiteturas fabris, ela mergulhava comigo enxergando detalhes significativos que eu ainda não tinha percebido. Numa das fotos, uma inscrição nas paredes internas da fábrica de pregos que dizia: vida LOCA (Imagem 5). Rimos. Pois estava escrito, era quase místico. O tema da loucura parecia ser bem-vindo nas sincronicidades e coincidências. As orientações com a Ana tinham esse caráter de boa composição de trabalho. E uma delicadeza afetiva que faz brotar a amizade.

Então comecei a sonhar. No exercício, a loucura fez ressurgir o espírito fabril das edificações pré-existentes, que tomaram um novo sentido de produção, não mais de artefatos ou produtos, mas sim, o de *produção de subjetividades*. Se, em um CAPS, o plano de produção de subjetividade é o plano do coletivo, logo, o equipamento seria mais do que um ambulatório. Ele seria proposto como um espaço que coloca

diversas atividades coletivas em funcionamento, como grupos terapêuticos, espaço de convívio e oficinas artísticas e ocupacionais, considerando essas práticas na relação com a comunidade local e com outros equipamentos culturais da cidade. Junto com a orientadora, fui identificando a carência de diretrizes e orientações para os projetos arquitetônicos dos novos serviços de saúde mental, o que demandou um exercício compartilhado de criação e imaginação de um programa arquitetônico.

A explosão do modelo manicomial, do modelo panóptico de arquitetura, cujo centro se constitui como o local da vigilância e controle, foi a primeira diretriz de projeto. Assim, liberei a área central (área mais danificada e enjambrada da pré-existência) para o livre uso convívio entre os usuários, e, conectei esse mesmo espaço com a cidade, através de uma via interna, aproveitando o lote vazio que era subutilizado como estacionamento. Criava-se, assim, uma passagem conectora. A rua interna, devolvida aos pedestres, surge como forma de criar possibilidades de encontro e conexão da cidade com a loucura, diferenciando do ostracismo dos modelos manicomiais e propondo uma outra maneira de estabelecer laços de atenção e cuidado passando necessariamente pelo corpo social como um todo.

Havia também a proposta de dois novos volumes sobrepostos que deslizam num movimento centrífugo provocado pela metafórica *explosão panóptica* central que empreguei como princípio compositivo. Um dos volumes rompe os limites da antiga edificação como uma linha de força. Esse volume novo é transpassado pela pré-existência e, no interior dele, são deixados os vestígios da alvenaria existente que eu propus expor, removendo-lhe toda a argamassa.

Mantive o antigo acesso da fábrica de pregos como acesso principal, dessa forma busquei legitimar a tipologia dos pavilhões e da sua distribuição linear. Ao passar por dentro da pré-existência, de um pé-direito relativamente baixo e escuro, o usuário se lança no interior do objeto novo, dessa caixa com pé-direito duplo que recebe iluminação zenital, reconfigurando ou reestabelecendo aquela atmosfera original que tanto me cativou no interior das fábricas arruinadas.

Já no interior da caixa, o usuário se encaminha para áreas de convivência na sequência linear de dois pavilhões. No primeiro deles, o uso é dedicado a ambientes de criação, de oficinas e ateliês, e na sua extremidade existem salas de geração de renda, e no segundo, foram organizados o núcleo hidráulico dos sanitários e vestiários da cozinha e refeitório. E, na extremidade do terreno, abertas à comunidade, são propostas uma sala multifuncional e um café-livraria com acesso interno do CAPS e também com acesso pela rua interna. Ao passo em que o primeiro pavimento tem esse caráter coletivo e dinâmico da criação, interação entre usuários e sua relação com a cidade, no segundo pavimento, o lugar criado é destinado ao indivíduo, onde ocorrem terapias individuais, em grupo, e o ambiente dos profissionais do serviço.

Devido as impressões que a espacialidade dessas edificações proporciona, optei por não dividir ou compartimentar os ambientes tanto nas oficinas quanto na sala multifuncional. São utilizadas ao invés de paredes fixas, placas recolhíveis que configuram diferentes *layouts* para diferentes eventos e acontecimentos. Assim, o próprio usuário poderia se apropriar do espaço, moldando-o conforme seu interesse e necessidade. O projeto respeitou a arquitetura preexistente a ponto de assumir sua disposição fragmentada, trazendo o usuário a sentir o espaço dentro da sua (i)lógica e ter também liberdade para manipulá-lo.

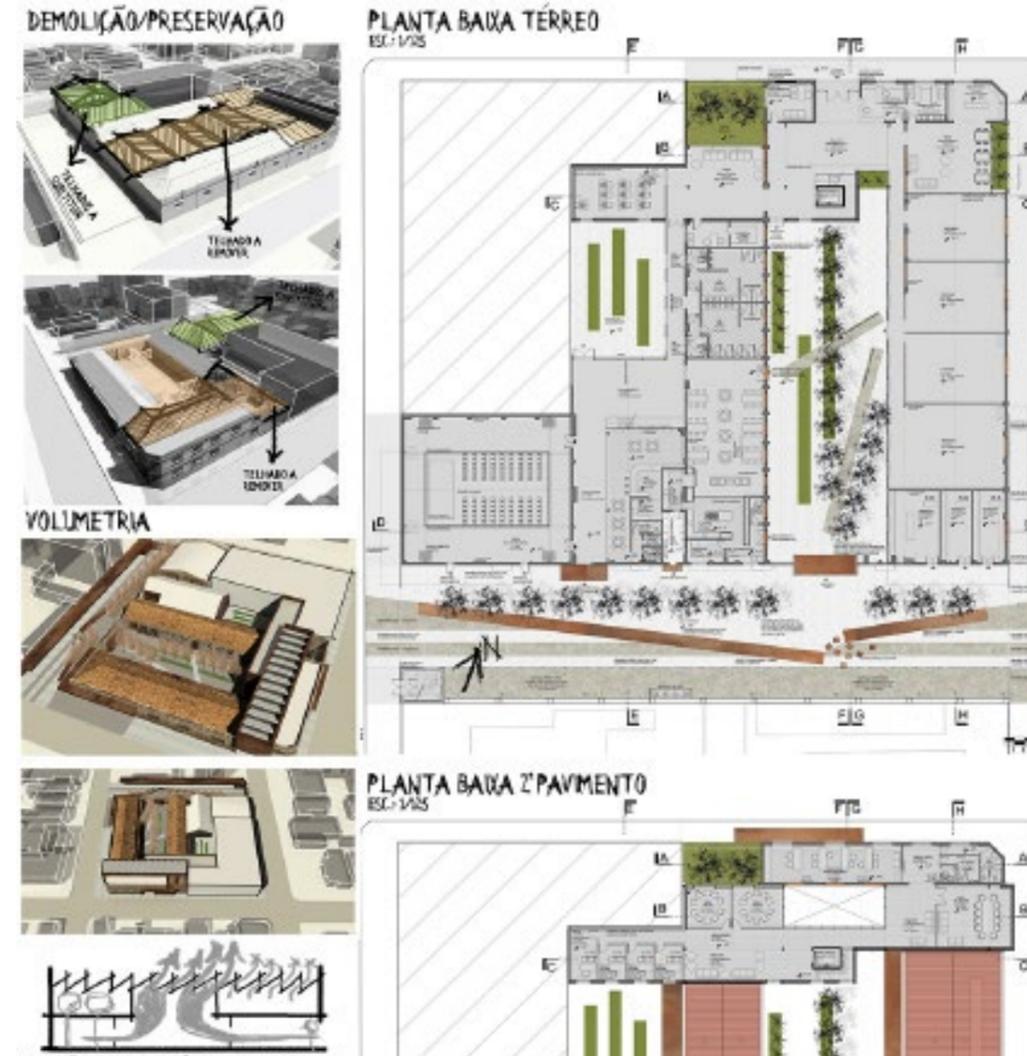


Figura 7 – A fábrica de subjetividades, volumetria e plantas. Fonte: Autora, 2010.



Imagem 8 – A fábrica de subjetividades, fachadas, vistas internas e externa. Fonte: Autora, 2010.

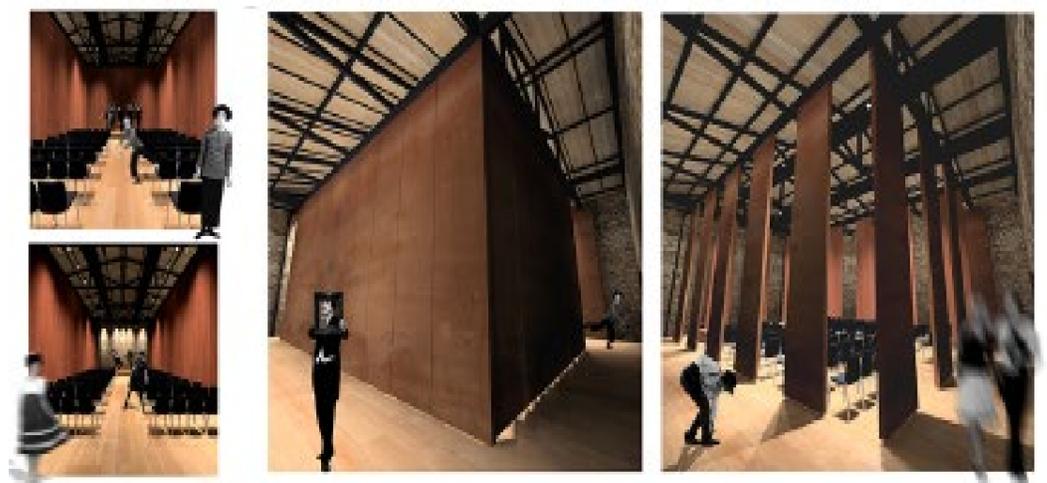


Figura 9 – A fábrica de subjetividades, fachada sul, vistas do auditório e vista do pátio. Fonte: Autora, 2010.

Nessa época, à beira da formatura, eu projetava e fumava Dunhill vermelho num conjugado de 18m<sup>2</sup> no centro de São Leopoldo. Na parede em frente ao notebook emprestado – que rodava o AutoCad96 e o Accurerder (software precário, que ninguém jamais usou como eu: fuzilando o cálculo de *radiosity*) – tinha um papel colado com uma fita durex vagabunda, onde estava escrito com grafite, quase apagado, *incompletude*. Era um desafio lidar com ela, seja na vida como no projeto. Noturna que sou, virava madrugadas trabalhando e, de manhã cedo, ia sempre comprar cigarro e torta de maçã no posto. Eu estava obsessiva criando a fábrica de subjetividades. Minha orientadora colocava limites: podem dizer que você está recaindo em fachadismos, em soluções de superfícies. Mas não era isso, e ela sabia. Afinal, a fábrica de subjetividades não era apenas sobre superfície, sobre textura, sobre descascar brutalmente as argamassas para liberar o tijolo maciço, as fiadas, a terracota, o barro cozido da década de 40, 50, 60, sobre introduzir outro material visualmente delicioso que é o aço corten, com aquele aspecto cobreado de ferrugem incandescente, escolhido, hoje sei, a partir de um cálculo ecológico muito parcial. Apesar de ser 100% reciclável, condição da escolha para o projeto, a pegada de carbono na produção do material é uma das mais altas entre os materiais de construção devido ao seu processo de produção, os impactos ambientais causados pela mineração e, além do mais, inviável economicamente para um equipamento de saúde pública. Então, apesar de sentir um deleite estético, hoje eu sou bem crítica dessa escolha.

A fábrica era também sonhar: certa noite (ou manhã), enquanto dormia, sonhei que estava dentro do 3d do meu projeto. Eu caminhava sobre pedras brancas, bem ali onde o panóptico se explodia. Tive a sensação da escala das barras de aço corten e a amplitude do pátio. Nunca esqueci a lucidez desse sonho e fico muito satisfeita quando sonho que estou dentro de um 3d. Eu me pergunto sempre se a fábrica de subjetividades é o sonho da estudante, do movimento antimanicomial, ou se é o sonho do lugar abandonado, que se sonhou através de um corpo que a própria fábrica seduziu, numa bela tarde, para tal empreendimento. Sem dúvida, este sonho está inserido na utopia antimanicomial. É um sonho compartilhado com as lutas que vieram antes de mim e que tiveram sucesso de construir políticas públicas. Considerei esse projeto onírico dentro do ideário da saúde coletiva: na qual o SUS, em primeiro lugar, recebe recursos e destina a importância para esse tipo de serviço; fomenta a saúde mental; possui uma rede formada por profissionais também antimanicomiais, bem remunerados; proporciona espaço de cuidado, e não de violação e violência, aberto completamente para a cidade, que além de centro de atenção psicossocial fosse um centro de espaços criativos, oficinas, ateliês, aberto à comunidade, cheio de arte, conquistando assim a interface da relação com a loucura, conquistando um viver junto. Essa era a terapêutica do convívio entre psicóticos e neuróticos que propus, das trocas e do envolvimento em práticas de arte. Seriam políticas públicas de saúde e cultura juntas no mesmo edifício – que já foi fábrica, que estava então abandonado, e que recuperado, mesmo que em sonho, pudesse ser transformado e aberto para uso e benefício de toda população capilé. Acredito que a dimensão arquitetônica do *corpo sem órgãos* acontece justamente aí, quando as forças e devires interpelam os sujeitos que utilizam o espaço, percebem e experienciam o lugar que, por sua vez, inspira a liberdade e a criação. Assim, o lugar se transfere pra além da sua dimensão física e funcional pra se tornar um corpo vivo e afetivo.

## O lugar que morre: a demolição

Uma década depois de sonhar, depois de ter avançado a minha formação, pouco antes do apocalipse viral, em 2020, recebi uma mensagem no WhatsApp que dizia “TU NÃO VAI ACREDITAR”, e, junto dela, uma foto noturna de uma área urbana vazia. Iluminação pública incidindo sobre ela. Derrubaram a fábrica. Derrubaram a fábrica.

Não se chora por uma arquitetura condenada, eu pensei. Mas não se tratava disso. Era a notícia de um amigo urbano de longa data que deixava de existir. O objeto do meu TCC morreu. *Mas ele já não estava morto?* – alguém sussurrou na sala do luto.

Sim, eu confesso. Tudo estava condenado a desaparecer. Desde o princípio. Eu sabia. Para nossa sociedade capitalista voraz, o que valia ali, não era a arquitetura fabril, o patrimônio e memória do trabalhador capilé, o sonho da luta antimanicomial, o sonho da estudante. Não. O que valia, e ainda está em jogo, é o terreno de excelente localização. *Todo lo que passa es porque estan especulando*<sup>6</sup>. A função social do Estatuto das Cidades padece de abstração sem ferramentas adequadas para executar sua política. Dentro da economia urbana corrente, a materialidade desse conjunto arquitetônico já era descartável em 2010, e eu sabia disso.

O destino final-real das fábricas da quadra 102 foi corriqueiro e banal. Ao que tudo indica todo o conjunto terminou de ser demolido em 2018. Já a fábrica de vidros, invisível a partir da rua, veio a baixo antes, sem que ninguém percebesse, em 2016. E no início de 2020, sabendo da notícia da sua morte, eu voltei lá para prestar minhas homenagens e me despedir do amigo que já não mais existia. Segurando em mim um misto de pesar e assombro, pulei uma cerca frágil e andei pelo espaço reconstruindo mentalmente a arquitetura falecida e, também, o que foi sonhado, dentro da aventura de um projeto. Ainda sobravam vestígios no piso abatido e eu tentei olhar tudo com cuidado e respeito ao morto. Tomei um tijolo sobrevivente, maciço e vermelho, que guardei como uma relíquia do objeto amado e perdido, enquanto vestígio material de um exercício de imaginação.

Em 2022, em nova visita àquele endereço em São Leopoldo, descobri que aquele lugar especial na cidade tinha se transformado em um estacionamento privado da Unimed. É curioso e irônico, pra não dizer amargo, fazer o percurso mental nas alturas oníricas da recuperação da arquitetura fabril, na sua transformação em serviço de cultura e saúde mental pública e coletiva e, dessa altura despencar até o chão da realidade onde agora resta, invencível, um estacionamento da saúde privada. Há que se considerar a surpresa: muitos esperavam que fosse mais uma farmácia.

Tudo muda. Isso é certo. A morte e quase todas as mudanças são percebidas de início como episódios trágicos e confusos. A morte e a perda, temas que são profundamente emocionais e reprimidos na nossa cultura, são os lados obscuros da mudança (LYNCH, 2005). Todos sabem que demolições são eventos profundamente emotivos. Muitos sentem prazer ao ver vir abaixo aquilo que resistiu de pé por anos, mas, muitas vezes, a depender do vínculo afetivo, demolições dão origem às emoções de angústia, melancolia e nostalgia, ocasionadas por lembranças do que ali se possa ter sido vivido, e a percepção de que esses momentos provavelmente nunca serão encenados novamente. *Memento mori*. Lembre-se da morte.

<sup>6</sup> Instituto Mexicano del Sonido / IMS – Especulando. Álbum: *Político*. Espanha: El Volcán Música – Volcan 057, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pb47Rt0wSYo>>. Acesso em: 6 set 2022.



Figura 10 – A demolição do abandono. Fonte: autora, 2022. A partir do Google Earth.

Em 2020, já não era mais possível não pensar na morte. Depois da demolição, seguiu-se a pandemia de Covid, a quarentena, às centenas de milhares de mortos no país. Estivemos diante da morte do ser, a morte da alma, a morte do mundo, a morte coletiva, a morte do bem-estar, a morte da política, a morte do futuro, a morte da arquitetura, a morte da rua, a morte da cidade. Fomos todos obrigados a entrar e trabalho de luto.

Então, em que consiste o trabalho realizado pelo luto? Creio que não é forçado descrevê-lo da seguinte maneira: *a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto*. Contra isso se levanta uma compreensível oposição; em geral se observa que o homem não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena. Essa oposição pode ser tão intensa que ocorre um afastamento da realidade e uma adesão ao objeto por meio de uma psicose alucinatória de desejo. *O normal é que vença o respeito à realidade*. (FREUD, 2012, p. 49, grifo meu)

Em trabalho de luto, surge a necessidade desse réquiem. Primeiro, como forma de processar a perda. Sair da melancolia por uma composição quase musical que conta sobre uma arquitetura que desapareceu da cidade. Sair da melancolia pois nela nenhuma elaboração é possível, apenas a fixação à uma cena que, arruinada, não permite transformação. Entendo a melancolia como a forma patológica da impossibilidade de agir, de impotência. Ela nos leva para uma situação de paralisia e, assim, bloqueia toda e qualquer imaginação política. E não, não quis de modo algum cair nas armadilhas do desencantamento social e do desengajamento político. Processar um luto para, em seguida, dar aberturas a outras imaginações para o lugar que sobrou. Afinal, o chão da cidade segue convocando a sonhar sobre uso do seu solo. O luto é necessário e prepara o sonhador para os novos desafios da vigília, os desafios da cidade, os desafios do planeta, os desafios de viver junto.

É preciso delicadeza e sabedoria para encerrar o drama. Por isso contar a história de amor com um espaço em situação de abandono, contar que com ele me pus a sonhar, e com ele continuar a escrever essa despedida. Em homenagem à fábrica de subjetividades, amiga caótica e singular, sua biografia, ainda que fragmentária, ficará registrada nos livros da vida acadêmica. Quis fazer isso do jeito mais nobre ao meu alcance: guardando sua memória, me valendo da oportunidade para manifestar de modo crítico, sensível, com afeto, com saudade e, principalmente, mantendo ativos os vetores oníricos e imaginativos na relação com aquele espaço na cidade para, continuamente, reabastecer um futuro possível enviando flechas de desejo, na metodologia da arte, sempre um pouco mais adiante no tempo, para outros sonhos, outros trabalhos de conclusão de curso, outra geração de sonhadores do espaço.

A arte (identificada aqui pela escrita, pelo projeto, pelas imagens, pelo réquiem, por uma postura) pode ser uma excelente mediação entre o fluxo da vida e nosso desejo. Assim defende Lynch (2005) ao tratar sobre as perdas e inspirar um modo digno de se compor com aquilo que se deteriorou. Este ensaio, portanto, é uma tentativa de ressignificar os restos. Uma maneira de buscar uma reconciliação com aquilo que foi esquecido, subjugado, abandonado, demolido. Ele traz o lugar abandonado como um protagonista que sonha, ou que foi sonhado.

*Requiem aeternam dona eis, Domine.*



## Referências

- BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- COSTA, Ana Elísia da. *A evolução do edifício industrial em Caxias do Sul: de 1880 a 1950*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2008
- DELEUZE, Gilles. *Espinoso: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- FREITAS, Maria Ribeiro de. Vago, Vacante, Vazio: Um Ensaio Sobre a Ruína na Cidade Contemporânea. *Braz. J. of Develop.*, Curitiba, v. 6, n. 9, p.65590-65604, set, 2020.
- FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2012.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.
- GHISLENI, Camilla Sbeghen. *A potência do abandono: políticas e contradições nas intervenções artísticas em espaços abandonados*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2017.

HUYSSSEN, A. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

LYNCH, Kevin. *Echar a perder: un análisis del deterioro*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

RAZÃO INADEQUADA. *Bergson: a memória e o passado*. 2019. Disponível em: <<https://razoinadequada.com/2019/02/06/bergson-a-memoria-e-o-passado/>>. Acesso em: 7 set 2022.

ROSENBUSCH, Maria Laura Ramos. O projeto sobre preexistência: uma análise da obra do escritório Lacaton & Vassal. *Revista online do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica - PUC-Rio – Rio de Janeiro Brasil Ano I – N° I*

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Territorios*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 2002.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Intervenciones*. Barcelona, Gustavo Gili, 2006.

SPIRITO, Gianpaola. Le rovine come possibilità poetica per l'architettura contemporanea. *DC PAPERS: revista de crítica y teoría de la arquitectura*, Dez. 2012, núm. 24, p. 81-90.

VIECELI, Ana Paula. *Lugares da loucura: arquitetura e cidade no encontro com a diferença*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.